

A ARTE DE REVIVER A INFÂNCIA: AUTOFICÇÃO E MEMÓRIA NO ROMANCE *O MENINO NO ESPELHO*, DE FERNANDO SABINO

VENÂNCIO DAMASCENO GOMES¹

MARGARETH TORRES DE ALENCAR COSTA²

RESUMO

A escrita de si é caracterizada por ser uma narrativa na qual o narrador, usando a primeira pessoa e apresentando-se, ao mesmo tempo, como o autor, o narrador e o personagem, conta situações da sua vida, podendo fazer o uso de aspectos ficcionais. A autoficção, nesse campo, ganha relevo por fundir duas formas de escrita que, em princípio, são vistas como opostas: a autobiografia e a ficção. Fernando Sabino (1923-2004) é um escritor brasileiro que inclui entre as suas produções obras que exploram aspectos de sua própria vida. *O menino no espelho*, publicado em 1982, é uma narrativa em primeira pessoa na qual Sabino conta a história da sua infância em Belo Horizonte, intercalando com vários acontecimentos ficcionais. Com base nisso, o presente estudo se propõe a fazer uma reflexão sobre o romance *O menino no espelho*, de Fernando Sabino, à luz das discussões teóricas que versam sobre a autoficção e a memória. Para tanto, utilizar-se-ão pressupostos teóricos tais como Philippe Lejeune (2008), Manuel Alberca (2007), Eurídice Figueiredo (2013), Maurice Halbwachs (1990), Iván Izquierdo (2002) dentre outros que, similarmente, contribuirão para esta discussão. A obra de Sabino, a partir das peripécias que compõem o enredo do romance, traz importantes contornos para a literatura brasileira, à proporção que, mesclando fatos reais e fabulosos, nos convida a recordarmos a nossa infância, o que faz com que o livro seja lido, com o mesmo deslumbramento, por crianças e adultos.

Palavras-chave: Autoficção, Memória, *O menino no espelho*, Fernando Sabino.

1 Mestrando em Literatura e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, venancio201013@hotmail.com;

2 Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e da Universidade Federal do Piauí – UFPI, margazinha2004@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A escrita de si constitui, nas últimas décadas, um campo que está em constante expansão nos mais variados setores da sociedade. Isso é perceptível pela ampliação das publicações de cunho biográfico e autobiográfico, de forma que, em meio a esse crescimento, percebe-se o surgimento de novas variações com determinadas modalidades que exploram aspectos da escrita de si.

Nesse processo, as categorias da autobiografia e da ficção, com suas respectivas características e pressupostos que definem a oposição entre os dois campos, analogamente, passam por transformações, através das quais é possível determinar a combinação dos dois termos em uma mesma palavra para definir o surgimento de um novo formato de escrita de si. Esse processo torna cada vez mais difícil determinar as fronteiras entre esses dois gêneros, atestando para o desaparecendo dos limites responsáveis por sua separação.

A autoficção é um gênero, pertencente à escrita de si, que privilegia em seu objeto a fusão em uma só palavra de duas formas de escrita que, em sua essência, deveriam ser vistas como opostas. Nesse caso, resgata e contempla em seu campo elementos que são característicos da autobiografia, ao mesmo tempo, que correlaciona tais aspectos com bases ligadas ao universo ficcional.

Dentre outros intelectuais, Fernando Sabino soube fazer uso dessa modalidade em suas produções, sobretudo nas narrativas que privilegiam as experiências do seu tempo de infância. No romance *O menino no espelho*, ao rememorar aspectos da sua infância, o escritor insere em seu projeto estético elementos fantasiosos que fazem alusão ao imaginário infantil.

Partindo de tais discussões, o presente estudo pretende analisar o romance *O menino no espelho*, de Fernando Sabino, à luz de pressupostos teóricos que versam sobre a autoficção e a memória, buscando perceber a maneira como esses dois aspectos se manifestam no respectivo romance.

A pesquisa se mostra relevante à proporção que contribui com os estudos que lançam um olhar sobre as produções de um dos maiores escritores contemporâneos brasileiros, Fernando Sabino, e, similarmente, colaborar para a ampliação de trabalhos que se propõem a discutir sobre as modalidades de escrita que se enquadram no campo da escrita de si, intensificando, assim, as reflexões sobre tais gêneros.

Para atingir tais fins, as contribuições teóricas de Philippe Lejeune (2008), Manuel Alberca (2007), Eurídice Figueiredo (2013), Maurice Halbwachs (1990), Iván Izquierdo (2002), dentre outros, serão de suma importância para o desenvolvimento do presente estudo, no tocante às ponderações que os teóricos lançam sobre a autoficção e a memória, que servirão de base para fundamentar a investigação.

O romance em estudo, a partir das peripécias que compõem o seu enredo, traz importantes contornos para a literatura brasileira, à medida que, mesclando fatos reais e fabulosos, nos convida a recordarmos a nossa infância, o que faz com que o livro seja lido, com o mesmo deslumbramento, por crianças e adultos.

NAS TRILHAS DA AUTOFICÇÃO E DA MEMÓRIA

A escrita de si é um campo que insere em seu projeto de composição marcas da vida do autor. Para isso, faz-se o uso da primeira pessoa de modo que há uma identificação entre o autor, o narrador e o personagem. Na narração dos fatos, o narrador pode escolher contar situações da sua própria vida ou ainda fazer o uso de aspectos ficcionais.

Em tais estudos, Philippe Lejeune é um importante pesquisador que privilegia em suas abordagens discussões sobre o tema da autobiografia. Em sua célebre obra, *O pacto autobiográfico* (2008), publicada pela primeira vez em 1975 (mas que, com o passar do tempo, sofreu ajustes do autor), Lejeune define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 49).

Desse modo, a autobiografia, para Lejeune, nada mais é do que uma narrativa na qual o escritor fala sobre si, abordando aspectos que tratam sobre a sua própria vida. Além disso, ainda conforme o teórico, a existência da autobiografia pressupõe necessariamente a “relação de identidade entre o **autor**, o **narrador** e o **personagem**” (LEJEUNE, 2008, p. 15, grifos do autor). Assim, tal gênero exige a identidade onomástica entre essas três instâncias, ao mesmo tempo em que o autor e o leitor estão unidos por um pacto de referencialidade, isto é, de que os fatos narrados são verdadeiros.

Com base nisso, o pacto autobiográfico de Lejeune está pautado em tais questões que consideram a identificação entre autor-narrador-personagem, além da referencialidade, através da qual toma-se os fatos descritos na narrativa como verídicos. Por outro lado, observando a existência de

obras que não se enquadram nessa classificação, Lejeune define o “pacto romanesco”, ou seja, produções marcadas dois pontos: a “**prática patente da não-identidade**” e “**atestado de ficcionalidade**” (LEJEUNE, 2008, p. 27, grifos do autor).

Em 1977, Serge Doubrovsky, sentindo-se desafiado por Lejeune, cria o termo “autoficção”³. Essa modalidade de escrita traz como premissa básica a fusão de dois termos que, em princípio, deveriam se opor: a autobiografia e a ficção. Contudo, o que se percebe é que, ao longo do tempo, há uma falta de consenso entre os teóricos quanto a uma única definição para o termo, conforme afirma o próprio Doubrovsky em um ensaio: “A palheta da autoficção é variada e é isso que constitui sua riqueza” (DOUBROVSKY, 2014, p. 113).

Discutindo sobre a autoficção, Eurídice Figueiredo, em sua obra **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção** (2013) assevera que o gênero “seria um romance autobiográfico pós-moderno, com formatos inovadores: são narrativas descentradas, fragmentadas, com sujeitos instáveis que dizem ‘eu’ sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ele corresponde” (FIGUEIREDO, 2013, p. 61). Diante disso, determina-se que tal gênero constitui um novo formato de romance autobiográfico pós-moderno no qual o uso da primeira pessoa dificulta o processo de identificação da voz que fala no texto: autor, narrador ou personagem.

Manuel Alberca é um importante estudioso espanhol que traz importantes ponderações sobre a autoficção. Em seu livro **El pacto ambiguo: de la novela autobiográfica a la autoficción** (2007), ele destaca que, quando se fala em narrativa autoficcional, automaticamente deve-se perceber que esta contempla em seu projeto composicional aspectos autobiográficos, mas que estes aparecem correlacionados a outros de natureza ficcional. É

3 Em seu romance **Fils**, Doubrovsky cria um protagonista narrador que tem o seu próprio nome. Na tentativa de qualificar seu livro, o teórico cria o neologismo **autofiction** para designá-lo. Discorrendo sobre a sua obra, assim o autor define a autoficção: “Autobiografia? Não, isto é um privilégio reservado aos importantes deste mundo, no crepúsculo de suas vidas, e em belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrita de antes ou de depois da literatura, concreta, como se diz em música. Ou ainda: autofricção, pacientemente onanista, que espera agora compartilhar seu prazer.” (DOUBROVSKY, 1977 apud FIGUEIREDO, 2013, p. 61).

justamente nessa premissa que está pautada a ideia do “pacto ambíguo”⁴ que nomeia o livro.

Diante de tais questões, cumpre destacar os motivos que justificam a existência do termo e do conceito “autoficção”. A esse respeito, o teórico ainda aponta dois sentidos que servem para justificar a sua existência, conforme ressalta:

En primer lugar, puede servir para comprender mejor el desarrollo actual de la autobiografía, sus dudas y contradicciones, y también de la novela que en momentos de agotamiento o de perentoria necesidad ha echado mano de los materiales o de los géneros limítrofes más aprovechables. En segundo lugar, permite reconocer e interpretar retrospectivamente muchos relatos, sobre todo de la literatura del siglo XX, considerados, como apunté más arriba, inclasificables, con fronteras imprecisas entre la autobiografía y la novela o en la autobiografía y en la novela, en proporciones y mezclas múltiples, que no han sido fáciles de descifrar en su peculiar estatuto narrativo ni en su intención (ALBERCA, 2007, p. 157-158).⁵

Assim, as ponderações do autor sobre a autoficção explicam a relevância e, ao mesmo tempo, dão sustentação ao termo, ou seja, permitem uma melhor compreensão dessa transformação sofrida pela autobiografia na atualidade, além de possibilitar uma classificação para aqueles relatos que, até então, não se adequavam a nenhum gênero, isto é, viviam transitando entre a autobiografia e o romance.

Isto posto, Alberca define o termo autoficção como sendo “una novela o relato que se presenta como ficticio, cuyo narrador y protagonista tienen el mismo nombre que el autor” (ALBERCA, 2007, p. 158). Dessa forma, na concepção do teórico, uma das premissas fundamentais do gênero é a identidade nominal entre autor-narrador-personagem.

Contudo, embora a autobiografia e a autoficção compartilhem da mesma ideia da identidade onomástica, elas possuem características que contribuem para a dissociação entre os dois campos. Sobre isso, Alberca assevera que “la autoficción establece un estatuto narrativo nuevo, cuya

4 O título do trabalho de Alberca, na verdade, faz alusão ao “pacto autobiográfico”, de Lejeune. A proposta daquele reside na tentativa de completar a teoria deste, relacionando o pacto autobiográfico a outras estratégias narrativas e propostas de leitura.

5 No presente trabalho, optamos por transcrever os trechos da obra do autor conforme a versão original, isto é, em espanhol.

hibridez puede que no dé resultados siempre interesantes o significativos, pero se caracteriza por proponer algo diferente a la novela autobiográfica. En la medida que no disfraza la relación con el autor, como lo hace la novela autobiográfica" (ALBERCA, 2007, p. 130).

Assim sendo, conforme já dito anteriormente, a autoficção traz em seu escopo acontecimentos de natureza autobiográfica, isto é, fatos verossímeis, mas que tais situações estão constantemente entremeadas por acontecimentos de natureza ficcional. Nesse ponto, ela se difere da autobiografia que supõe a ideia de que os fatos descritos são verídicos.

É isso que Alberca defende em outro momento da sua obra, quando reflete sobre essa capacidade da autoficção de permitir que em seu campo possam ser inseridas situações fantasiosas, conforme se pode observar no fragmento:

la autoficción supone la capacidad de inventar una historia a partir de la vida y las fantasías de uno mismo y aprovechar las de otros para construir una aventura propia. [...] La autoficción se presenta como una novela, pero una novela que simula o aparenta ser una historia autobiográfica con tanta transparencia y claridade que el lector puede sospechar que se trata de una pseudonovela o una pseudo-autobiografía, o lo que es lo mismo, que aquel relato tiene 'gato encerrado'" (ALBERCA, 2007, p. 128).

No excerto, o teórico acentua o potencial simulador da autoficção de contemplar em suas abordagens elementos que remetem ao campo da ficção e do real, de forma que o leitor experimenta da indecisão de saber se se trata de uma pseudonovela ou uma pseudo-autobiografia. Aqui, mais uma vez, vislumbra-se o ideal da autoficção de fundir aspectos ficcionais aos acontecimentos verídicos apresentados na narrativa.

Aliado a esse processo, o ato de recordar é um fenômeno presente na literatura e, ao mesmo tempo, muito recorrente no universo moderno. Figueiredo (2013) atesta a dificuldade de, na prática, classificar os textos como autobiografia ou memórias, em decorrência das fronteiras entre os gêneros que se aglutinam, como se percebe no trecho:

Em termos de definição, é fácil distinguir a autobiografia das memórias: a primeira consiste na reconstituição e narração da vida daquele que escreve, enquanto as memórias são mais abrangentes e recriam todo um mundo social. Entretanto, na prática, muitas vezes é difícil classificar as obras, que misturam a linha linear da autobiografia

clássica com memórias sociais e familiares, traçando perfis de amigos e ancestrais, descrevendo o ambiente em que viveram (FIGUEIREDO, 2013, p. 48).

Como uma modalidade derivada da autobiografia, cumpre destacar que essa assertiva serve também para a autoficção, uma vez que esta é uma nova tendência de análise para as produções de escrita de si que, transitando entre a autobiografia e o romance, não pertenciam integralmente a nenhum dos dois gêneros. À vista disso, torna-se difícil determinar também as fronteiras entre a autoficção e as memórias.

O aumento significativo de produções biográficas e autobiográficas nas últimas décadas permite afirmar que os indivíduos encontraram nas narrativas em primeira pessoa modos de solidificar a sua história. Dessa forma, ao falar sobre si, o sujeito reproduz para o livro o seu passado, isto é, aqueles acontecimentos que viveu e que a memória abre espaço para que ele possa reconstruir.

Iván Izquierdo (2002) desenvolvendo em seu texto um estudo sobre a questão da memória, define-a como "a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações" (IZQUIERDO, 2002, p. 09). Assim, a memória pode assumir esse caráter de aprendizagem ou recordação, a depender das necessidades que ela apresenta.

Walter Benjamin (1987) atenta para o fato da memória ser o meio onde estão guardadas todas as nossas experiências, de forma que a revisitação desse passado exige que o indivíduo "escave" para que essas lembranças possam emergir. É isso que o teórico pontua em suas palavras: "[...] a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. **Quem pretende se aproximar do passado soterrado deve agir como um homem que escava**" (BENJAMIN, 1987, p. 239, grifo nosso).

No entanto, é importante destacar que a prática da rememoração não deve ser um fato passivo, algo cujo objetivo é unicamente fornecer belas lembranças de acontecimentos que marcaram a vida de uma pessoa. Pelo contrário, ela deve ser vista como um processo que possibilita repensar sobre esse passado, sobre tais situações que foram vividas.

A esse respeito, Paolo Rossi, em seu livro *O passado, a memória, o esquecimento*: seis ensaios da história das ideias (2010), assevera que "A reevocação não é algo passivo, mas a recuperação de um conhecimento ou sensação anteriormente experimentada. Voltar a lembrar implica um

esforço deliberado da mente; é uma espécie de escavação ou de busca voluntária entre os conteúdos da alma" (ROSSI, 2010, p. 16).

Dessa forma, as atividades mnemônicas se apresentam como práticas individuais, ou, conforme Izquierdo afirma, "o acervo das memórias de cada um nos converte em *indivíduos*" (IZQUIERDO, 2002, p. 10, grifo do autor). Contudo, embora sejamos indivíduos, sentimos a necessidade de interagirmos com os demais, isto é, formamos grupos. Isso se faz importante para o bem-estar e a sobrevivência dos seres.

Maurice Halbwachs, em sua *A memória coletiva* (1990), traz um importante estudo sobre a questão da memória, sobretudo no que tange à noção de memória individual e memória coletiva. Diante dessa dicotomia, o teórico defende a ideia de que, mesmo quando as nossas lembranças aparentam serem individuais, elas permanecem coletivas. Halbwachs destaca que isso se dá "porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem" (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Analogamente, as discussões propostas pela pesquisadora e professora Tânia Ramos, em seu texto "Por uma poética das memórias literárias" (2004) são pertinentes, uma vez que propõem uma reflexão sobre as questões que envolvem as memórias literárias, abordando sobre o contrato entre o autor e o narrador, bem como a importância de se considerar os elementos fantasiosos no processo de construção das memórias escritas. Em suas palavras, a estudiosa destaca que

[...] as memórias literárias não passam só pela autoria, por aquele que lembra, mas pelo narrador que traz para o texto um somatório de experiências de linguagem; e estas experiências são sempre revigoradas por possibilidades líricas. A expressão da temporalidade em um texto de caráter subjetivo, comprometido com a história de quem conta, extrapola o real vivido. Aquilo que se convencionou chamar de realidade em relação ao passado, dificilmente pode ser definido ou isolado com precisão. Não se pode confundir a realidade com aquilo que é contado, pois as memórias escritas dão ao texto certas garantias de realidade mas, ao mesmo tempo, elas se escrevem e se constroem muito mais pelas possibilidades da invenção. Se há uma permuta entre o real e o imaginário, há muito mais espaço para a fantasia.

Com base nisso, percebe-se que os textos classificados como memórias literárias, ao mesmo tempo em que o leitor acompanha a narração das experiências do personagem, tais situações são apresentadas de forma que deve-se considerar as possibilidades de invenção, dado que o narrador (e, por consequência, o autor) abre espaço para a descrição de acontecimentos que remetem ao universo da fantasia, da ficção.

Diante de tais fundamentos teóricos, o presente estudo propõe uma análise sobre o romance *O menino no espelho*, de Fernando Sabino, buscando observar a forma como a autoficção e a memória se manifestam na respectiva narrativa, baseando-se nas discussões apresentadas ao longo deste tópico que serão imprescindíveis para os objetivos do presente estudo.

AUTOFICÇÃO E MEMÓRIA: UM OLHAR SOBRE O ROMANCE *O MENINO NO ESPELHO*, DE FERNANDO SABINO

Fernando Tavares Sabino (ou apenas Fernando Sabino, como era conhecido) é um importante escritor brasileiro, que nasceu em Belo Horizonte (MG) no dia 12 de outubro de 1923, e faleceu no Rio de Janeiro, a 11 de outubro de 2004. Exercendo as atividades de escritor, jornalista e editor, Sabino trouxe inúmeras e valorosas contribuições que enriqueceram o cenário literário brasileiro, as quais o tornaram um intelectual de renome na literatura brasileira contemporânea.

O escritor mineiro inicia a sua carreira aos 13 anos, quando escreve o seu primeiro trabalho literário (um conto policial), na revista *Argus*, órgão da Polícia Militar mineira. Em 1941, ainda na adolescência, publica o seu primeiro livro, intitulado *Os grilos não cantam mais*, uma compilação de contos, o qual fez com que ele recebesse uma carta elogiosa de Mário de Andrade, através da qual deu-se início aos laços de correspondências entre os dois.

Ao longo da sua existência, Sabino publicou mais de 40 livros. Cultivou, durante a sua vida, o romance ou a novela, como é o caso de *O encontro marcado* (1956), *O grande mentecapto* (1979), *O menino no espelho* (1982), além de narrativas curtas, como, por exemplo, *Os grilos não cantam mais* (1941), *A marca* (1944), *A vida real* (1952), *A faca de dois gumes* (1985). Ademais, foi um dos autores brasileiros mais importantes de crônicas, gênero que marcou sua escrita, esta caracterizada por apresentar um estilo direto, leve e reflexivo.

Nas entrevistas que concede em vida, Sabino reflete sobre a profissão de escritor, partindo de uma reflexão mais individual (ou seja, o estilo adotado em sua escrita) expandindo para um âmbito mais geral, buscando traçar uma análise sobre o ofício de escritor. Isso é passível de ser notado no trecho a seguir, no qual enfatiza a existência de dois tipos de escritores:

A única descoberta realmente importante que eu fiz foi a diferença que existe entre o escritor que usa a imaginação criadora e o escritor que usa a lógica, o conhecimento lógico, a paciência, a crítica literária, o estudo, a biografia, enfim, o escritor que não elabora a palavra a partir da imaginação criadora. Esse último escreve sobre o que ele sabe. Ele aprende, escreve, transmite, estuda e, depois que sabe o que dizer, diz; ao passo que o escritor de ficção escreve para poder ficar sabendo, ele não tem a menor ideia do que quer transmitir (SABINO apud RICCIARDI, 1991, p. 197).

Ao apresentar essa antinomia, o autor destaca o papel a ser desempenhado pelo ficcionista no que diz respeito a escrever sobre aquilo que ele não sabe exatamente para ficar sabendo, diferente do escritor que não faz uso da imaginação criadora que se desprende de tais fins narrando apenas aquilo que sabe, que se apresenta sensível a seus olhos.

Esse é um aspecto passível de ser notado em sua escrita, que frequentemente recorre a representações de natureza ficcional. Partindo dessa ideia, no fragmento que segue, Sabino ressalta os motivos que levaram a escolher o ofício de escritor:

[...] fui estimulado pela ideia de que eu poderia imaginar uma realidade que fosse muito mais verdadeira do que aquela que se apresentava aos meus olhos. Dentro da fantasia, eu encontrava uma verdade que a realidade não me dava; então eu comecei a imaginar histórias que me satisfizessem esse lado da imaginação. [...] Eu não busquei propriamente ser escritor, eu queria inventar alguma coisa (Ibid, p. 194).

Com base nisso, descortina-se o primoroso papel que a imaginação desempenha na vida e, sobretudo, na escrita de Fernando Sabino, dada a sua contribuição por permitir o vislumbre de uma verdade que difere daquela oferecida pelo mundo físico, real, que salta aos olhos. E é nesse mundo da fantasia que o autor se ampara, privilegia em sua vida e em suas produções, visto que, para ele, "a vida real é aquela que vivemos dormindo" (Ibid, p. 198).

O livro *O menino no espelho* é o terceiro romance de Fernando Sabino, além de ser considerado uma obra emblemática da literatura brasileira contemporânea, bastante conhecida nas bibliotecas escolares de todo o país, além de ter seus capítulos trabalhados em estudos que abordam sobre o gênero memórias literárias.

Publicada em 1982, a narrativa apresenta as experiências da infância de Fernando Sabino em Belo Horizonte, representando as suas aventuras e relações com familiares e amigos. Narrado em primeira pessoa, o romance possui como protagonista Fernando, homônimo do autor, que conta situações da sua vida. Assim sendo, determina-se a homonímia entre autor-narrador-personagem, de forma que essas três instâncias compartilham do mesmo nome, relevando, assim, conforme Alberca, um dos traços das produções de caráter autoficcional.

À proporção que vai avançando a leitura, o leitor acompanha a visita de Fernando ao Sítio do Picapau Amarelo, como ele aprendeu a voar igual a um pássaro, sobre a sociedade secreta Olho de Gato – formada por Odnanref (seu nome de guerra), Anairam e seus animais de estimação, o cachorro Hindemburgo e o coelho Pastoff, além de observar como a sua imagem refletida no espelho vai ganhando vida e forma, transformando-se em seu parceiro nas suas aventuras.

Conforme se pode notar, a descrição dos acontecimentos estão constantemente entremeados por elementos fantasiosos característicos do universo infantil. Dessa maneira, em suas peripécias, o protagonista incorpora sonhos e imaginações, vigor e inocência típicos do ambiente pueril, e o leitor vai testemunhando todos esses episódios, ao mesmo tempo em que é convidado a rememorar as suas aventuras nos tempos de criança.

No romance, Fernando conta as suas vivências em forma de memórias. E isso já fica patente nas primeiras linhas do prólogo, este denominado “O menino e o homem”, quando o narrador começa recordando as goteiras que apareciam em sua casa em tempos chuvosos:

QUANDO chovia, no meu tempo de menino, a casa virava um festival de goteiras. Eram pingos do teto ensopando o soalho de todas as salas e quartos. Seguia-se um corre-corre dos diabos, todo mundo levando e trazendo baldes, bacias, panelas, penicos e o que mais houvesse para aparar a água que caía e para que os vazamentos não se transformassem numa inundação. Os mais velhos ficavam aborrecidos, eu não entendia a razão: aquilo era uma distração das mais excitantes (SABINO, 2002, p. 13).

No excerto, os aspectos memorialísticos são passíveis de serem percebidos pelo emprego de vocábulos no pretérito, reafirmando, assim, a ideia de que os fatos apresentados se tratam de situações que aconteceram no passado, oferecendo ao leitor pistas de que o romance se trata de memórias do autor.

Nesse processo de reconstrução do passado, o narrador-personagem se relaciona com vários personagens, os quais exercem certa influência sobre ele. Diante disso, recorda-se a pressuposição de Halbwachs (1990) no que tange à memória coletiva. O teórico pontua que um indivíduo, para invocar o seu passado, tem necessidade das lembranças de terceiros, visto que “ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio” (HALBWACHS, 1990, p. 54).

Na narrativa, os pais e irmãos de Fernando participam do grupo dos personagens. Como a base familiar é a responsável pelo processo de formação do caráter dos filhos, o protagonista se vê submetido a alguns ensinamentos, fundamentais para o seu desenvolvimento humano. É isso que se constata, por exemplo, no Capítulo X, no que diz respeito à sua relação com os pássaros:

Desde que era escoteiro, tinha aprendido que só devia usar o bodoque para praticar o bem, como apanhar manga. Nunca para quebrar vidraça ou lâmpada de rua, e muito menos matar passarinho. Costumava armar uma pequena arapuca no fundo do quintal para apanhá-los e depois tornar a soltar, mesmo que fosse um precioso canário ou um lindo sabiá: meu pai não admitia criar passarinho em gaiola, achava uma perversidade. E tinha me transmitido esse seu sentimento:

— Imagine se fizessem o mesmo com você: te criassem dentro de uma gaiola. Quando o Toninho apareceu lá em casa com um casazinho de periquitos verdes, que ele tinha trocado com um menino pelos seus patins, papai mandou imediatamente que soltasse os bichinhos:

— Depois te dou outro par de patins. De bichos aqui em casa, basta um papagaio, um cachorro e um coelho. Não se falando nas galinhas ali do seu Fernando.

Fazia alusão à minha galinha Fernanda, que por essa ocasião já tinha morrido de velha (SABINO, 2002, p. 175-176).

A passagem traz uma situação bastante emblemática, que dialoga com as argumentações de Halbwachs: no trecho, o personagem apresenta as orientações que recebeu para o bom manuseio do estilingue e, paralelamente, o ensinamento transmitido pelo pai de respeitar os pássaros, prezando por sua liberdade, jamais por sua prisão. Assim, a ideia da memória individual se alia à memória coletiva, através da qual outras pessoas também participam das situações apresentadas. E assim, em vários momentos da obra, muitas peripécias de Fernando tem a participação de outros personagens.

A base imaginativa de Sabino é constantemente explorada no romance, passível de ser percebida associada às narrações de suas aventuras de criança. No capítulo I, intitulado “Galinha ao molho pardo”, o leitor se depara com o protagonista conversando com uma galinha, batizada por ele como Fernanda, e as suas aventuras heroicas de salvar a ave do prato principal do almoço com o Dr. Junqueira:

NO DIA seguinte era sábado, não tinha aula. Passei o tempo inteiro brincando com ela. Levei horas lhe ensinando a responder sim e não com a cabeça:

– Você sabe o que eles estão querendo fazer com você, Fernanda? Ela mexia a cabecinha para os lados, dizendo que não.

– Pois nem queira saber. Cuidado com a Alzira, aquela magrela de pernas compridas. É a nossa cozinheira. Ruim que só ela. Não deixa a Alzira nem chegar perto de você.

Ela mexia com a cabecinha para cima e para baixo, dizendo que sim.

– Estão querendo matar você para comer. Com molho pardo.

Os olhinhos dela piscaram de susto. O corpo estremeceu e ali mesmo, na hora, ela botou um ovo. De puro medo (SABINO, 2002, p. 23).

A situação apresentada no capítulo do diálogo entre o protagonista e a galinha é representativa, visto que mostra a liberdade que a criança experimenta para criar laços e idealizar mundos, profundamente marcada por uma inocência e necessidade de criar amizades, características típicas dessa faixa etária.

O fato de ter nascido no dia das crianças traz consigo uma carga simbólica bastante representativa para o autor. Tal acontecimento desponta

nele a necessidade de ver as coisas sob os olhos de uma criança, conforme se observa no trecho:

A ideia de que nasci no dia da criança me marcou muito, foi um estigma-enigma que me baixou na alma e fez com que procurasse me conservar sempre menino, sempre criança. Eu tenho, por convicção, a ideia de que, como escritor, devo ver as coisas com olhos de criança, com os olhos inocentes de quem está vendo a vida pela primeira vez, com aquele ineditismo com que uma criança olha o mundo e a vida (SABINO apud RICCIARDI, 1991, p. 187).

O fragmento demonstra um aspecto bastante latente na escrita de Sabino que reside nessa busca por olhar as coisas “com olhos de criança”, ou seja, fazendo uso da simplicidade, inocência, de forma que cada dia é sempre único, novo, um dia inédito no qual sempre temos uma nova oportunidade para recomeçar. No romance, o processo de reevocação através da figura da criança torna-se bastante significativa, visto que o autor recria de forma literária os seus sonhos de criança para mostrar que, em seu íntimo, ainda conserva esse espírito.

Essa simplicidade é também transferida para o estilo privilegiado pelo autor em sua escrita. Sabino, conforme já falado anteriormente, é um escritor que elege em sua composição uma linguagem simples, transparente, desprovida de ornamentos. De acordo com o próprio autor, “No fundo, eu continuo me atendo às regras de estilo que aprendi no colégio: concisão, clareza e simplicidade. Acho que o que prevalece nessa busca é um sendo estético, são os princípios de harmonia, de equilíbrio e de proporção, no jogar com as palavras, que devem ser concisas, simples e claras” (Ibid, p. 200, grifo do autor).

Essa simplicidade está associada ao desejo experimentado pelo escritor de optar pela observância do mundo ao seu redor a partir dos seus próprios sentidos, isto é, privilegiar em suas produções aspectos da sua própria vida. É isso que o autor expõe em uma palestra realizada em 1985 no Paraná, publicada sob o título “Um escritor na biblioteca: Fernando Sabino”⁶: “Vejo o mundo e a vida através dos meus próprios olhos. O que quer dizer que, no fundo, escrevo sobre mim mesmo. Confesso que não

6 O trecho da palestra foi extraído da dissertação de mestrado de Dayse Aparecida do Amaral Santos, intitulada “O encontro marcado: a escrita e a memória em Fernando Sabino”, apresentada em 2016 ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, conforme consta nas referências deste trabalho.

sou do meu tipo predileto, mas é comigo mesmo que tenho que conviver” (SABINO, 1985, p. 11).

Com base nisso, a narrativa em estudo expõe essa simplicidade, sobretudo, pelo uso da imagem de uma criança para ocupar o centro do romance. O título da obra, *O menino no espelho*, vem alicerçar esse desejo do autor, ao apresentar, no capítulo VII, Fernando conversando com o seu espelho, de modo que, gradativamente, o seu reflexo vai ganhando vida e forma:

Minha aspiração naquela época era esta: encontrar um sósia. Não pensava em outra coisa, desde que assisti a um filme em que o ator fazia dois papéis: vai passando por uma rua e de repente esbarra num homem absolutamente igual a ele. Os dois se olham, espantados. Só que um era detetive, o outro era bandido, o que acabava criando uma grande confusão.

[...]

POR que diabo eu queria encontrar alguém igual a mim? É o que ficava pensando, a olhar a minha própria figura refletida no espelho. Eu não achava graça nenhuma em mim, confesso que desde então eu já não era o meu tipo. Mas era comigo mesmo que eu tinha de viver e, neste caso, um menino feito aquele ali diante de mim é que eu gostaria de encontrar, sem tirar nem pôr. Um menino que, em tudo e por tudo, fosse absolutamente igual a mim — porque do contrário não tinha graça. Que falasse como eu, se vestisse como eu, andasse como eu, pensasse e sentisse como eu. Juntos, nós dois seríamos capazes de tudo, das melhores brincadeiras, e até mesmo conquistar o mundo (SABINO, 2002, p. 128-130).

A imagem de Fernando refletida no espelho, que ganha vida dando origem a “Odnanref” (nome do protagonista invertido), reproduz o desejo do próprio autor: ter um sósia. Odnanref é o companheiro ansiado pelo protagonista, o qual passa a ser o seu companheiro, participando de vários episódios e aventuras de criança. A representação dessa imagem é um convite para o leitor olhar para si mesmo, diante das aventuras experimentadas pelo protagonista e despertar o espírito de criança existente em cada um de nós.

A esse respeito, a contracapa do livro contém uma valorosa análise do romance em estudo, que reside na relevância da figura de uma criança ocupando o cerne da obra, experienciando as mais variadas aventuras,

relacionadas a inúmeras situações que fazem alusão ao mundo ficcional, isto é, personagens que põem em prática a arte de ser criança.

Desde criança ele já achava que a verdade está muito além da realidade. Os nossos sentidos são fracos e deficientes, de pouco alcance: os olhos deviam enxergar mil quilômetros e ver através das paredes, os ouvidos deviam ouvir além da barreira do som.

Assim acontece com o menino no espelho, que reflete a experiência de infância do Autor. Adotou ele um critério inverso ao usual: em vez de conceber um romance com elementos da realidade em termos de ficção, reviveu todas as suas fantasias infantis como se fossem realidade. Recriou literariamente os seus sonhos de infância para descobrir que, no fundo, ainda é aquele menino.

Portanto, o romance *O menino no espelho* representa um convite de Sabino para que o leitor possa conhecer a imagem do menino Sabino refletida na narrativa, ao mesmo tempo em que oferece ao leitor a possibilidade de que ele se veja de modo diferente. Com essa análise, o presente estudo cumpre com os objetivos propostos, de forma que os pressupostos teóricos sobre a autoficção e a memória fundamentam a obra, objeto da presente investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fernando Sabino foi um importante escritor mineiro que trouxe significativas contribuições para a escrita literária contemporânea. Com uma produção profundamente marcada por um estilo simples, livre, humorístico, o escritor buscou constantemente em seus escritos inserir aspectos da sua própria vida como produto de invenção literária.

As aventuras vivenciadas por Fernando no romance *O menino no espelho*, entremeadas por significativas quantidades de elementos ficcionais, exploram os aspectos característicos da infância, tais como os sonhos, a imaginação, bem como o vigor e a pureza da criança, sendo invenções que fazem parte do universo pueril.

Trazendo a público o romance *O menino no espelho*, o escritor faz um convite ao leitor para rememorar aquelas situações que marcam a infância, acontecimentos e ensinamentos que são marcantes nessa fase da vida e que ficam encrustadas na memória, sempre rememorados mediante situações que atizam a sua recordação.

Portanto, o romance em estudo se torna significativo uma vez que, misturando fatos reais e ficcionais, faz um convite para o leitor recordar acontecimentos da sua infância, de forma que isso permite que a obra seja lida com a mesma fascinação por crianças e adultos, mediante às situações aventurescas apresentadas ao longo do romance.

ABSTRACT

Writing by itself is characterized by being a narrative in which the narrator, using the first person and presenting himself, at the same time, as the author, the narrator and the character, tells situations of his life, being able to make use of fictional aspects. Self-fiction, in this field, gains prominence by merging two forms of writing that, in principle, are seen as opposite: autobiography and fiction. Fernando Sabino (1923-2004) is a Brazilian writer who includes among his productions works that explore aspects of his own life. *O menino no espelho*, published in 1982, is a first-person narrative in which Sabino tells the story of his childhood in Belo Horizonte, interspersing with various fictional events. Based on this, the present study proposes to make a reflection on the novel *O menino no espelho*, Fernando Sabino, in the light of the theoretical discussions about self-fiction and memory. Theoretical assumptions such as Philippe Lejeune (2008), Manuel Alberca (2007), Eurydice Figueiredo (2013), Maurice Halbwachs (1990), Iván Izquierdo (2002) will be used, among others who will similarly contribute to this discussion. Sabino's work, based on the adventures that make up the plot of the novel, brings important contours to Brazilian literature, to the extent that, by mixing real and fabulous facts, invites us to remember our childhood, which makes the book read, with the same dazzle, by children and adults.

Keywords: Self-fiction, *Memory*, *O menino no espelho*, Fernando Sabino.

REFERÊNCIAS

ALBERCA, Manuel. **El pacto ambiguo**: de la novela autobiográfica a la auto-ficción. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II**: Rua de Mão Única. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Ensaios sobre a autoficção**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 111-126.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho**: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, SP: Biblioteca Vértice, 1990.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LEJEUNE, Philippe. **Pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Por uma poética das memórias literárias**. In: <<https://www.comciencia.br/reportagens/memoria/11.shtml>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

RICCIARDI, Giovanni. **Auto-retratos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SABINO, Fernando. **O menino no espelho**: romance. 61. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Dayse Aparecida do Amaral. **O encontro marcado**: a escrita e a memória em Fernando Sabino. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SILVA, Maurício. Ensaios sobre a autoficção. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.24, n.42, set./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/matraga.2017.30189>. Acesso em: 10 jun. 2021.